

Professor-chefe ou professor- maestro?

Bruno Cabral

1

Cheguei à escola sem muitas expectativas. Tudo o que eu sabia é que precisava passar pelo menos quarenta horas lá, mas até então não tinha a menor ideia do que fazer durante esse tempo. Iria fazer um tour pela escola? Conversar com os professores? Funcionários? Acompanhar algumas aulas? Quem sabe até dar uma aula? Eu não sabia, só queria encontrar um supervisor, de preferência naquele colégio porque ficava perto da minha casa. Depois das aulas na universidade pela manhã, era só pegar o ônibus de sempre, descer algumas paradas antes do habitual e pronto, passaria a tarde ali fazendo o que precisasse fazer para cumprir minha carga horária.

Primeiro dia: entro às 13h30min e os alunos atrasados estão sentados num banco de madeira no corredor de entrada — a escola abre às 13h, como eu descobri mais tarde, e quem não entrar a essa hora tem que ficar esperando ali até o sinal que encerra a primeira aula, às 13h50min. O pátio e as salas de aula estão do outro lado do portão gradeado, e não consigo ver muita coisa antes de me apresentar e dizer o que eu estava procurando ali. O porteiro me deixa entrar e me mostra a sala da coordenação, onde aquela que se tornaria minha supervisora está conversando com alguém, e espero junto com outro rapaz que está lá para formalizar um estágio em História.

Como os dois têm o mesmo objetivo, entramos juntos na sala. Ele se apresenta primeiro porque chegou mais cedo, e é rapidamente encaminhado para um professor. Fico sozinho com a coordenadora e explico minha situação. Onde estava minha documentação da universidade? Entro em pânico, não achei que precisasse levar os documentos antes de confirmar que poderia estagiar ali, mas abro o arquivo no celular e lhe envio a carta padronizada destinada aos supervisores que recebemos da professora orientadora do estágio.

Percebo pelo tom da coordenadora que ela não deixa essa falta passar. Já me sinto fora de lugar naquele ambiente e ainda não faz nem uma hora que estou na escola, porém tento não deixar isso transparecer. Faço uma nota mental para não cometer um erro daqueles novamente porque tenho a sensação de estar numa entrevista de emprego concorrendo a uma vaga única — esse é o meu primeiro estágio obrigatório, então a minha referência é aquilo que até agora eu entendia por estágio.

Até então, o acordo era que eu acompanharia uma professora de português da segunda série do ensino médio. No terceiro ano, como fiquei sabendo, os professores não supervisionavam estagiários para poderem focar no conteúdo de cada disciplina (leia-se, o que é cobrado no ENEM). Então um estagiário em sala seria um incômodo, penso, enquanto ela segue lendo a carta. Chega então às atividades propostas: todas de observação, não há nada explícito no documento sobre regência — uma das primeiras vezes em que ouvi esse termo ser usado como sinônimo para dar aula e me perguntei se a palavra tinha o sentido

de governar, como uma autoridade, ou de conduzir, como o maestro que rege a orquestra (se eu puder, escolho o segundo).

“Aqui não diz nada sobre ter que ficar na sala de aula, então você vai passar muito mais tempo na coordenação comigo do que com um professor”, ela diz. “Então você vai ser minha supervisora?”, pergunto sem muita segurança, e ela confirma. Me sinto aliviado por ter alguém para me acompanhar — ainda que não exatamente acolhido —, porém isso não dura muito. “O outro rapaz foi pegar a assinatura do diretor, mas acho que você nem sabe do que precisa...” Ótimo. Ela já me enxerga como alguém que não sabe o que está fazendo ali. Outra nota mental: tenho que me esforçar para desfazer essa impressão.

Combinamos os dias e horários em que eu estaria na escola. Eu poderia começar naquele mesmo dia? No dia seguinte? “Acho melhor eu começar na semana que vem”, respondo, embora saiba que as horas de atividade em campo só contariam após a documentação ser cadastrada no sistema. Não mencionei isso porque tive medo de que ela pensasse que eu não queria a vaga, e somente depois de conversar com alguns colegas é que disse à minha então supervisora que só poderia começar na data recomendada pela professora orientadora, dali a algumas semanas.

Ganhei tempo para me preparar, foi o que pensei. Planejei as atividades — agora que já tinha uma escola onde estagiar, era preciso saber o que fazer lá — e enviei o plano para a supervisora. Tudo bem, respondeu ela ao meu e-mail, o que pode acontecer é que surja a necessidade de adaptá-las a depender da rotina da escola. Maravilha! Era para isso que servia o estágio. Todas as disciplinas da área de educação discutiam essa necessidade de se adaptar ao contexto: da escola, da sala de aula, da turma...

Contudo, não demorei a descobrir que não era bem nesse sentido que eu teria que me adaptar. No primeiro dia oficial do estágio, cheguei na hora marcada e o porteiro fechou o portão assim que me viu entrar pelo corredor porque pensou que eu fosse um aluno atrasado. Até aí, tudo bem, imaginei mesmo que algo assim pudesse acontecer. Me apresentei como estagiário e ele me deixou passar. Então, fui até a sala da supervisão com o plano de atividades salvo no celular, caso precisasse dele como havia precisado da carta. Antes que eu entrasse, porém, minha supervisora saiu da sala, me reconheceu e pediu para eu ir entregar uma caixinha de som, que ela estava segurando na mão, a uma professora no laboratório de informática. Onde ficava o laboratório? Eu ainda não conhecia as dependências da escola. Ela me diz que é do outro lado do pátio, no final do corredor, e vou até lá com a mochila ainda nas costas.

O cumprimento curto e o pedido feito em menos de um minuto pela supervisora me deixaram apreensivo, mas tento não desanimar. Volto à sala e a primeira coisa que ela diz é:

“Eu vi as atividades que você planejou. Você tem algumas ideias, mas por enquanto vai ficar aqui na coordenação ajudando no que precisar”, e me apresenta brevemente à vice-diretora que também está na sala, me descrevendo como estagiário não em observação, mas da coordenação. E a “ajuda” que ambas solicitam consiste em ficar numa salinha lá dentro grampeando uma pilha de provas para a semana seguinte. A observação? Ficou para outro dia.

Tudo bem, era só uma ajuda, talvez depois eu conseguisse realmente observar algo na escola. Dou uma rápida olhada na prova desmembrada sobre a mesa: filosofia, segunda série, questões objetivas de múltipla escolha, três páginas. Um método tradicional de avaliação, penso, dado interessante para apontar no relatório (até porque naquele momento eu não tinha muito mais o que apontar). Mas quem sabe aquelas questões, mesmo objetivas, não fossem reflexivas de alguma forma? Era uma prova de filosofia, afinal. Escolho uma pergunta aleatória e leio: “Onde e quando nasceu o filósofo Fulano de Tal?”, e seguiam quatro alternativas com diferentes cidades da Europa e uma data entre 1600 e 1900. Nada sobre o pensamento de Fulano de Tal, ou por que ele era relevante, ou por que estudantes brasileiros do século XXI tinham que estudar um filósofo europeu do século XIX. É, era realmente um método tradicional. Segui grampeando as provas.

Quando terminei, fiquei à espera de mais alguma “atividade” para fazer (a impressora tinha parado de funcionar por um momento, então não havia mais provas prontas), e então uma aluna entrou na sala para conversar com a coordenadora. Descobri que ela, junto com outras duas meninas, havia consumido bebida alcoólica dentro da escola no dia anterior, e agora a coordenação estava apurando o que aconteceu para tomar as medidas necessárias: ligar para os pais, falar individualmente com as estudantes e dar uma advertência. Suspendê-las estava fora de questão porque as provas eram na próxima semana. Logo entendi que a dinâmica da escola parecia girar em torno das Provas com ‘P’ maiúsculo, visto que mesmo naquele caso a proximidade das avaliações foi o que determinou a punição que as alunas receberam: uma advertência, documento para o qual não havia sequer um modelo pronto nos arquivos do computador.

Acompanhei o diálogo entre a coordenadora e a estudante o mais distante possível na sala não muito espaçosa. Em menos de três minutos, a menina já estava chorando, dizendo que só queria experimentar a bebida para saber como era, ao que a coordenadora e a vice-diretora responderam com a maior das sutilezas que, se a bebida contivesse alguma substância desconhecida, a aluna poderia estar morta e a equipe da escola não teria como ajudá-la. Mais: a família dela morava no interior do estado, e ela só morava e estudava na capital porque trabalhava de carteira assinada na cidade. “Você tem noção de que basta

uma ligação pro seu trabalho pra você ser demitida e voltar pro interior?” Silêncio.

Não falo nada, só observo (finalmente!), mas consigo imaginar como a aluna se sente. É importante ensinar jovens a não aceitar o que quer que seja de estranhos? Sim. A conversa com essa adolescente poderia ter sido mais cuidadosa? Também. Não era preciso muito para ver que a menina estava claramente arrependida nem que aquela falta era grave, porém compreensível. Num mundo ideal, alguém daquela idade não deveria ter que trabalhar e estudar ao mesmo tempo, e o conservadorismo por trás da fala da equipe pedagógica não garante que os jovens não consumam substâncias ilícitas para sua idade, apenas que eles façam isso escondido — ou nem tão bem escondido, nesse caso.

Na hora do intervalo, minha supervisora me leva à sala dos professores para que eu possa “me apresentar e fazer conexões”, nas palavras dela, e eu com certeza me apresentei. As conexões é que precisaram esperar porque a energia da sala era caótica demais para mim. As vozes altas dos professores ecoavam no ambiente fechado por causa do ar condicionado (enquanto, nas salas de aula, só havia ventiladores que era necessário desligar às vezes, por fazerem muito barulho). Semanas depois, conversei com um professor que preferia passar o intervalo no pátio com os alunos porque estes eram menos barulhentos que o restante do corpo docente, e ele não estava exatamente errado.

Uma professora de quem eu não sabia sequer o nome achou estranho eu estagiar na coordenação sendo aluno de Letras, então expliquei que meu estágio poderia ser feito com a supervisão de um coordenador e que por enquanto eu estava ajudando com as provas. Foi o suficiente para ela parar de falar comigo e se dirigir diretamente à minha supervisora, dizendo num tom irônico que “entendeu a jogada dela” e que “ninguém escapava dela”, confirmando o que eu já sabia: o interesse da coordenadora em aceitar me acompanhar não era nem de longe o de contribuir com minha formação enquanto futuro professor, e sim o de ter um “assistente” para imprimir e grampear provas e levar equipamentos de uma sala a outra de vez em quando. É, Paulo Freire, eu não estava preparado para isso. Mas o que eu poderia fazer?

Chegou então a semana de provas e ainda havia avaliações para serem impressas (nesse dia, a impressora funcionou perfeitamente, para a minha infelicidade). Teoricamente, os três primeiros horários de aula seguem normalmente até o intervalo antecipado, e depois os alunos voltam para as salas para responder às provas — três por dia, ou no mínimo duas, no estilo do ENEM. Como era de se esperar, é impossível fazer uma aula realmente produtiva nesses dias, pois os estudantes estão preocupados demais com as avaliações, então recomenda-se que as aulas desses primeiros horários sejam mais dinâmicas e envolvam discussões coletivas, filmes, etc., ao invés de conteúdos novos que as turmas “não

conseguiriam assimilar”.

Na prática, porém, os alunos ficam nos corredores ou no pátio até a hora do intervalo, e a escola fica (quase) tão barulhenta quanto a sala dos professores. O clima é de ansiedade coletiva: há os que revisam o conteúdo das disciplinas do dia, os que tentam decorar alguma coisa de última hora, e os que conversam ou jogam cartas para passar o tempo. No entanto, após o intervalo, silêncio absoluto: é preciso silêncio para responder às Provas. E imagino os estudantes tentando responder, calados, à pergunta sobre onde e quando nasceu o filósofo Fulano de Tal, enquanto perguntam a si mesmos o que aquilo vai mudar em suas vidas. Me pergunto o mesmo.

No dia seguinte, sexta-feira, uma aluna precisa fazer as Provas mais cedo porque, segundo ela mesma, “tem um exame marcado”. Ela responde às avaliações na salinha onde eu havia grampeado as provas na minha primeira semana, e eu fico encarregado de vigiá-la. Em menos de meia hora, ela termina e é liberada para ir embora, mas vai até o banheiro para trocar de roupa, pois não quer ir ao exame usando uniforme. Quando ela volta, está usando uma calça preta e um cropped rosa sem mangas. “Menina, que exame é esse que você vai fazer? Aquele da esteira?”, pergunta a coordenadora, e a aluna responde na mesma hora: “Exame de motorista”. E eu rio porque a cena parece saída de um esquete.

Passada a semana de Provas, começam as reposições para os estudantes que faltaram. Como são poucos os que precisam da reposição, sou eu que fico na sala os acompanhando para garantir que não colem. Agora que a minha “ajuda” não é mais necessária, posso assistir a algumas aulas — desde que não sejam da terceira série, claro —, mas minha supervisora parece ainda menos disposta a de fato me supervisionar. Continuo indo à sala dos professores no intervalo por causa do café gratuito, porém converso apenas com os outros estagiários que encontro por lá.

Um dia, pego o mesmo ônibus que alguns deles para ir à escola e acabamos chegando juntos e um pouco atrasados. Entramos na sala da coordenação e sentamos na salinha das provas para aproveitar o ar condicionado. Minha supervisora entra alguns minutos depois e diz que estava esperando... por eles. Quando me vê, parece realmente surpresa: “Ah, eu tinha esquecido de você!”

Não, ela não disse “eu tinha esquecido que você viria hoje”. Ela disse “eu tinha esquecido de você”.

Após essa delicadeza, pergunta o que eu tenho planejado para aquele dia, e eu sigo fazendo o que planejei. Caminho sozinho pelas dependências da escola, que ela não fez questão de me mostrar, e converso com os funcionários da cantina e da cozinha. As cozinheiras me contam um pouco sobre sua rotina, sua relação com os outros funcionários e

com os alunos. Curiosamente, elas têm mais contato com estes do que com aqueles.

Fico sabendo que, diferente da maioria dos professores, que possui carro particular e para quem é reservado o estacionamento, elas fazem o caminho de ida e volta da escola a pé. Trabalham a tarde inteira no espaço fechado da cozinha, e por isso eu não as tinha visto ainda. Embora sejam praticamente invisíveis ao restante da escola, são as mais preocupadas com a saúde física e mental dos alunos.

Nos poucos minutos de intervalo, ouvem reclamações e desabafos dos estudantes, e são as únicas que ouvi afirmarem que seria importante haver um acompanhamento psicológico para eles. É quando o jargão de que “a escola não se faz só de professores” começa a fazer sentido para mim, pois, por esses relatos, percebo que os alunos se sentem mais à vontade para dividir suas angústias com essas funcionárias do que com aqueles teoricamente mais próximos deles, pois atenção e cuidado não dizem respeito ao cargo que cada um ocupa no microcosmo da escola.

As semanas na escola vão chegando ao fim, e, para formalizar o estágio, preciso que minha supervisora avalie meu desempenho — o que chega a ser engraçado porque ela não me acompanhou de fato, e mais de uma vez não foi à escola nos dias em que eu estaria lá nem fez questão de me avisar. Deixei a ficha de avaliação com ela e concluí minhas atividades de observação. No final do dia, ela já tinha preenchido o documento, e explicou as notas que me deu dizendo que sentiu falta de uma proposta de intervenção da minha parte. Até aí, tudo bem, considerando que o estágio era de observação e que não me foi dada abertura para colocar qualquer projeto em prática. Mas o ponto alto da avaliação foi a crítica que recebi quanto ao meu jeito de falar com as pessoas.

Nas palavras da supervisora, eu era “muito educado”, “falava baixo” e precisava ter “mais atitude” da próxima vez. O que me chamou atenção foi que o fato de eu ser “muito educado” foi apontado como algo negativo. Então, eu lembro da sala dos professores durante o intervalo e isso faz mais sentido. Na lógica de uma escola que se preocupa com os alunos apenas na medida em que estes se mostram bons em assimilar conteúdos e apresentar bons resultados em provas padronizadas, aplicadas muito mais no formato de um treinamento para o vestibular do que como uma verdadeira experiência educativa, o bom professor é aquele que fala alto para ser respeitado como autoridade. É o professor mais preocupado em ser ouvido do que em ouvir o que seus alunos têm a dizer. É o professor que rege a aula não como maestro que conduz, mas como chefe que comanda.

Em outras palavras, é o tipo de professor que eu jamais quero ser.